

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Assigna-se e vende-se na Travessa de S. João n.º 10.
 Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.
 Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, Travessa de S. João n.º 10.
 Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

Preços d'assignatura:
 Para a cidade, por anno 1,200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1,300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.
 NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

3.º ANNO

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 100

ADVERTENCIA

O escriptorio da redacção e administração d'este jornal já não é na rua do Souto, n.º 41, mas sim na Travessa de S. João n.º 10. Toda a correspondencia, pois, relativa á redacção e já administração deve ser dirigida para alli, aonde se achará sempre aberto o escriptorio e presente um empregado

BRAGA 11 DE FEVEREIRO DE 1872

A theoria e os factos; ou o principio — somos exclusivistas mas não intolerantes — e a historia.

Sol da verdade, póde a nuvem escurecer-te eclipsar-te nunca.

Quando em nosso numero passado des-enrolavamos, de novo aos quatro ventos da opinião publica, a bandeira gloriosa e sempre immaculada de nossos principios, aonde sobressaía em legitimas côres um de nossos dogmas religiosos e politicos, não faltou quem, esquecido d'um passado de sete seculos de grandeza, e lembrado sómente de dissensões e discordias que não eram nossas, tivera a louca, mas nunca realzada, pretensão de deslustrar a com a baba immunda de odios e rancores partidarios, e lançar-lhe a nodosa vergonhosissima da mentira e calumnia.

Debalde; porque ali ha um livro aberto, aonde todos podem estudar o nosso passado, ler o prezente e solettrar o futuro — é a historia.

— E que nos diz a historia?
 — Porventura que o nosso procedimento desmente os nossos principios; que os factos estão em contradicção com a theoria?
 Oh! não; e para o que compulsamos-lhe as paginas; e que vemos?

N'umas pintado o punhal, n'outras a força e o cacete; aqui as scenas de 20 e 34, alli as scenas de 28!...

— Mas quem trouxe á nossa patria, juntamente com a discordia entre irmãos, os ferros que lhe tiravam a vida? Quem accumulou tantas desgraças, occasionou tantas mortes, produziu tantas victimas?

— Quem alastrou de cadaveres o solo de nossa patria, e tingiu de sangue sagrado as lages do templo do Senhor?

Foi, dizem os nossos contrarios, esse partido ferrenho, retrogrado, e obscurantista que, amarrado á sombra do passado, e sedento de sangue, não quiz vergar-se ante o heroe em quem estavam personificados progresso, liberdade, e civilização!

Devagar, senhores, que essa resposta é inconsiderada, senão injusta e malevola; não somos nós, jovens para quem o prezente é confirmação do passado, que vos havemos de responder, pois somos de hoje e de amanhã; mas sim a historia que é de hontem e será de todos os tempos.

Havia, é verdade, em nossos tempos a força; mas a força, apesar de tudo o que de mal se possa dizer d'ella, era um supplicio que tinha em seu abono a tradição de muitos seculos, a homenagem de muitas razões, a justificação plena na justiça vindicativa de tantos codigos penaes.

Dizeis que a força era a formula dos simulacros; e nós, apesar de não sermos, nem apologistas nem impugnadores d'ella, preferimol-a aos simulacros da liberdade, como o punhal.

Na alternativa de escolhermos entre a força e o punhal optamos pela primeira, porque antes queriamos o carrasco que o assassino, pois aquelle castigava em nome da lei, este em nome d'uma mentirosa liberdade.

O cacete não é invenção nossa; a primeira vez que appareceu trazia as côres da vossa bandeira.

O punhal, esse foi sempre arma liberal e nunca realista.

Perguntaes-nos de quem foram as cacetadas de 28? e nós respondemos-vos com a mão na consciencia e na historia: foram nossas, e hoje como sempre as stigmatizamos do fundo do coração e alma; e porém sabeis quem as occasionou? fo-

ram os vossos excessos de 1820 no Porto, Coimbra e Lisboa!...

E senão dizei-nos: quem levou triumphantemente pelas ruas do Porto o cacete, pintado d'azul e branco, para mostrar ao general Concha a inutilidade da sua vinda a Portugal?

— Não houve no proprio estado maior do general, quando os constitucionaes entraram em Leiria, quem acutilasse os prisioneiros?

— Quantas vezes na estrada d'Evora o punhal ia esperar não prisioneiros, mas convencionaes?

— Que nos dizeis das formulas livres dos assassinos de 34, das batalhas d'Agrelha, dos incendios do Marçal, das metralhas electoraes de 46, das cacetadas de Lisboa e do Porto?

— E os fusilamentos de Remechido?!

— Vieram, sim, as represalias de 28, que nós reprovamos hoje como as desculpamos hontem; mas era a autoridade quem castigava; porém, quando veio o punhal em 34, que em vez de quebrar um braço arrancava uma vida, a autoridade passava de braço dado com o assassino da vespéra!

Sem sairmos da Península podemos perguntar quem, em 1820, em Espanha, prisionou e fusilou Elio, capitão general de Valencia, e sua mulher e filhos? — não nos dirá, ainda a historia que foram os liberaes?

— Quem assassinou, em Madrid, Vivenza, confessor de Fernando VII, só pelo ser, senão os acclamadores da constituição?

— Quem foi auctor da matança geral dos guardias de corps na Plaza mayor, depois de vencidos e prisioneiros?

Podiamos fallar na matança de Taragona, no bispo de Tortosa a quem tiraram os olhos; podiamos transpôr os Pyreneos e dizer muito a respeito de eguaes scenas reproduzidas em França, e, se quizessemos passar os Alpes e ir á Italia e contar o que a revolução liberal tem feito de igual, ou de peor, não acabaríamos com a longa, mas ainda não bastante para desenganos, tragedia do liberalismo; porém não é nosso intento avivar feridas, que ainda sangram muito, nem tão pouco separar mais corações que sempre deviam estar unidos, porque todos, apesar de tudo, somos irmãos.

Se levantamos um pouco o veo da historia, que esconde tantas desgraças, foi mau grado nosso, e só para nos justificarmos das accusações que diariamente se nos lançam em rosto; foi para respondermos, com este desmentido solemne, aos que de leve estudam os acontecimentos, e gratuitamente accusam um principio que nós nunca contradissemos em estado normal e não em época de represalias.

Pelo passado, pois, responde um passado cheio de gloria e grandeza; pelo prezente uma resignação e prudencia ao lado d'uma constancia sem egual; pelo futuro a generosidade e lealdade de promessas que, baseadas na religião e na caridade, ainda não foram uma só vez desmentidas!

Póde o sophisma, a calumnia obscurecer a verdade, mas nunca destrui-la; á similhaça do astro radiante do firmamento ao qual póde a nuvem escurecer-lhe o brilho, mas nunca o eclipsar.

E se a historia, se os factos podem alguma cousa em abono dos principios, da theoria, aquella justifica-nos quando dissemos o que hoje e sempre diremos: *Somos exclusivistas, mas não intolerantes.*

Qual será o futuro da Europa?

Si vis pacem para bellum.
 Se queres paz prepara a guerra.

Não ha ahí homem, por mais indifferente, que olhe impavido, e sem se lhe contrangerem as carnes e fazer pé atrás de horrorisado, para o espectáculo que a Europa offerece aos olhos de todos.

Uma guerra geral é a sorte que nos espera; é o presagio triste, mas verdadeiro, do estado actual das cousas, a consequencia necessaria dos acontecimentos, que se succedem com maior rapidez e velocidade que o raio despedido das nuvens á voz do Eterno.

— E como não hade ser assim se a moral foi substituida pelo interesse, o direito pela força, a lei pelas paixões e odios par-

tidarios, o patriotismo pelo gosto e influencia estrangeiras, a caridade christã pelo egoismo e philantropia, a verdade pela ficção, erro, mentira e calumnia, a honra pelas conveniencias mesquinhas, a probidade pela ambição desmedida?

E os thronos que se firmam em bases moveidas, como estas, formadas d'areia amassada com sangue, hão-de baquear; e, ao cair erguerem montões de pavorosas ruinas!

E nem os monarchas com o brilho do ouro, com a seducção de promessas tão lisongeiras como mentirosas; nem os governos bastardos com o cortejo e apparatus da soberania popular, comprada á custa de dinheiro, sangue e morte, poderão resistir ao furacão da tempestade que se hãe levantar nascida dos ventos das más doutrinas que elles prodigamente semeiam e hão-de colher!

— Quantas coroas, que com seu pezo esmagaram a cabeça de quem as cingira, e á força de oscilarem de continuo rolaram até o cadafalso?

— Quantos sceptros partidos e esmigalhados por mãos estranhas, e substituidos depois pela cana irrisoria?

— Quantas purpuras rasgadas, cujo ultimo destino fóra amortallar uma realza sem direitos e trocadas pela elamyde d'uma soberania sem realidade?

— Não vimos nós ha pouco o desastre de Sedan, os incendios da Communa?

Ah! d'ha muito que a onda revolucionaria minára as bases da sociedade, carcomendo-lhe o caracter legitimo de instituições e principios tão venerandos, como nossos antepassados, que os não crearam senão para o bem da humanidade; d'ha muito que aquellos que em suas mãos tem, temporariamente, os destinos d'um povo, governam por meio da illegalidade e da corrupção sem se lembrarem de que a corrupção é a morte tanto dos vencidos como dos vencedores, tanto dos escravos como dos senhores!

A sociedade está fóra de seus eixos; a Europa gravita fóra de seu centro de felicidade; e nem a força material, representada na ponta das bayonetas e no heroismo de milhões de soldados, nem toda a força do genio e do talento junta ao calculo do interesse, são capazes de fazer voltar o mundo ao estado d'ordem e prosperidade, para a qua tende constantemente apesar dos desvarios da philosophia, dos desacertos dos legisladores.

Sómente aquilo que tem base inabalavel, alicerces que resistem ás convulsões da natureza, principios que a lima do tempo, a mão do erro e a loice da morte já-mais poderão tocar quanto mais destruir, é que ficará em pé apoz as gerações extintas, os imperios desmoronados, os thronos arrasados, as instituições modificadas!

E essa base inabalavel, esse alicerce imperecedouro, esse principio inamovivel é a legitimidade, dizuo-lo a razão e a historia.

Retirae da sociedade a verdadeira noção do direito, da justiça, e dae-lhe em troca a theoria dos factos consummados, o direito da força, a opinião das maiorias e tereis a razão do estado actual da Europa, e ao mesmo tempo o remedio para os males que lhe minam a existencia.

E se a Europa tem em seu seio o lume da desgraça que lhe devora as entranhas; como havemos de attingir um futuro de paz sem que nos ponhamos em guerra aberta e permanente contra a illusão dos sentidos, sem que procuremos a ordem e a estabilidade social longe da perspectiva que lisongeia nossas paixões?

Si vis pacem para bellum!
 Guerra ás paixões partidarias; guerra aos principios falsos; guerra ás ideias subversivas da ordem religiosa e politica; guerra sem treguas ao erro, á mentira, á calumnia para que haja paz aos homens de boa vontade na terra!

E se a paz não é o silencio da intelligencia e da vontade arrancadas pela força phisica, mas sim o assentimento moral de ambas, a guerra não deve de ser o derramamento de sangue, um montão de victimas, mas sim, a refutação que leva a convicção aos espiritos cegos pela ignorancia ou paixões partidarias, a demonstração da verdade só pelas armas do raciocinio.

Berlim e o Vaticano ou as leis de M. Falk e a Santa Sé.

« Ut dum eam praefractae divexant, impudenter asserere non dubitant nullum illi a se inferri detrimentum ».

Pio IX.

Não ha muito que os jornaes anticatholicos de todo o mundo bradaram contra a Allocução de 23 de Dezembro aonde Pio IX se queixava da guerra aberta que o governo do novo imperio germanico declarava contra a Igreja Catholica; porém, bem depressa chegou a confirmação, de que o Santo Padre fallára a linguagem da verdade, nas leis feitas por M. Falk a respeito da educação do clero catholico.

As leis que o ministro Falk redigiu são iniquas e offensivas.

A «Fanfulla» jornal italiano que tem a seu cargo diminuir as más impressões que na Europa podem produzir as leis injustas e brutaes do Chanceller Prussiano não se descuidou em revestir das melhores fórmulas possíveis a acceitação das leis do ministro Falk.

Eis aqui o que ella diz a respeito d'estas leis: « a lei sobre a educação do clero catholico, apresentada pelo ministro Falk será, d'algum modo tolerada pela Santa Sé, contanto que o parlamento modifique o artigo que diz respeito aos exames que os ecclesiasticos, segundo a lei, tem de fazer diante dos magistrados civis ».

Com effeito, a «Fanfulla» parece que ignora a celebre queixa do Cardeal Antonelli aos deputados catholicos e a famosa carta autographa do Papa ao imperador allemão!

Bismark faz leis iniquas e a imprensa assalariada do estrangeiro esforça-se ou pelas desculpas.

Razão, é muita, tinha o Santo Padre de fallar assim a respeito do governo do Chanceller allemão:

Não occulta, mas abertamente a Igreja Catholica é perseguida no novo imperio germanico:

« Maxime vero in novo germanico imperio, ubi non occultis tantum machinationibus sed aperta quoque vi illi (Eclesiae) funditus subvertenda ad laborator ». E na occasião em que a perseguição dizem que nemhum mal lhe fazem, continúa o Santo Padre em sua famosa Allocução de 23 de Dezembro de 1872: *« Et dum eam praefractae divexant impudenter asserere non dubitant nullum illi a se inferri detrimentum ».*

A hypocrisia do secretario d'Estado da Prussia está desmascarada como está fulminado o despotismo do principe de ferro e fogo d'allemanha.

De nada valeu ao lobo vestir as pelles de cordeiro; o pontifice da Igreja Catholica, o immortal Pio IX que vê as cousas como ellas realmente nos parecem, porque está assistido das luzes do alto, preveniu os fieis da Allemanha da perseguição que sobre elles estava imminente.

Ah! a Prussia esquece-se do que foi, e do que é ainda, para se lembrar do que não pôde ser, embora sejam muitos os louros das victorias, as palmas dos triumphos; tambem a França era, por excellencia, a nação da Europa, mas aguardava-a como em castigo, Sedan e a Communa de Paris.

Deus castiga as nações como os individuos; estes podem não ser castigados n'este mundo, mas sel-o-hão no outro, aquelles necessariamente hão-de sel-o n'este mundo, porque formam uma entidade moral que acaba com a anniquillação do mundo.

Em Berlim estam-se fabricando a estas horas as armas com que ella se hãe de assassinar. Os protestantes queixam-se das leis sobre as relações da Igreja com o Estado, porque a força de dizerem que querem este separado d'aquella sujeitam aquella a este. O que ha de liberdade de consciencia o que resta de liberdade de pensamento para o protestantismo é anniquillado pelas novas leis que se estão discutindo na capital da Prussia.

Nós os catholicos, podemos gloriar-nos de que houvesse este essejo de se manifestar o talento dos deputados catholicos e despertar-se no animo dos fieis o sentimento amortecido da Religião.

« Heclora quí nosset, felix si Troja fuisset ».

A Santa Sé já-mais poderá approvar leis

iniquas ainda que seja a troca do mundo inteiro.

Roma fallará sempre a lingoagem da verdade, porque o seu Pontifice é infallivel, e quando os poderes da terra se armem para que não seja tão livre a voz do vigario de Christo lá se levantará um poder desconhecido dos homens que os hade prostrar e vencer.

Será verdade que o Papa entra na restauração da monarchia legitima de França?

Já não é a primeira vez que o governo Versalhes accusa o episcopado francez e a Santa Sé de favorecerem a direita e de se ligarem com ella para derribar Mr. Thiers; é esta a tactica especial dos homens politicos que querem desviar de si toda a responsabilidade de seus actos. A questão armeniana, o *Orenoque* etc., são testemunhas do que se disse a respeito do Pontifice.

D'esta vez não é o governo de Thiers que se hade queixar, mas sim um jornal revolucionario d'Italia a «Fanfulla» que, fallando por M. Fournier embaixador de França junto de Victor Manuel, sonha conspirações legitimistas no Vaticano querendo certamente, comprometter assim, a Santa Sé, o episcopado francez e com elles os catholicos de todo o mundo.

Ouçamos o que ella diz no seu n.º de 26 de Janeiro:

« O Vaticano pretende saber se a aproximação ou fusão dos dous rrmcs de Bourbon se fez mediante graves concessões do partido legitimista ao partido constitucional ».

E' tudo falso, diz o excellent journal «Correspondance de Genève»; e o ministro da França no Quirinal é o proprio inspirador d'estas calumnias.

O orgão de Visconti-Venosta continúa dizendo: « que a fusão é obra dos snrs. Falloux e Larcy; que poucos estão satisfeitos com seus compromissos; que todos convieram que era um dever da monarchia legitima guardar intacto o seu programma, o qual obteve a approvação da maioria do episcopado francez; que o Conde Chambord será convidado por intermedio dos bispos a não ceder a uma completa fusão, accetando com algumas reservas os factos consummados sobre tudo no que diz respeito aos deveres tradicionaes da França para com a Santa Sé; que, finalmente, Monsenhor Chigi recebeu instrucções a este respeito ».

Com effeito; ninguém tinha a habilidade de dizer tanta mentira em tam poucas palavras.

— Mas para que ou com que fim inventará a «Fanfulla» tantas coisas ridiculas?

Foi para comprometter diante do partido radical o papa, os bispos e os catholicos; porque, não podendo haver a restauração do Conde de Chambord sem a queda de Thiers, claro está que accusada a Santa Sé e os prelados francezes de conspiradores legitimistas, faz recair sobre elles o odio e as accusações mais graves que se podem fazer.

A respeito d'estas accusações da «Fanfulla», diremos hoje o que n'outro dia dissemos a respeito da Allocução pontificia de 23 de Dezembro e a Russia: se acaso fosse verdade o que diz o jornal revolucionario, não publicaria este os testemunhos que favorecessem e comprovassem a sua accusação? — não daria publicidade a estes documentos pelos quaes se provasse que o Santo Padre é cúmplice na conspiração da legitimidade franceza e portanto na queda do chefe da republica?

Ah! e que faz a «Fanfulla»? limita-se a accusar e não a provar! O mundo catholico não dorme, sabe o que se passa e, por isso de todos os lados levanta um grito de protestação contra as mentiras e calumnias adrede propaladas para mais comprometter a triste situação do chefe da christandade.

Os proselytos do erro e da iniquidade seguem á risca as palavras de seu mestre: *mentí, menti sempre, que sempre se tira algum resultado*; e os catholicos, seguindo a doutrina e o exemplo de Jesus Christo, tímbram em dizer a verdade, em defende-la á custa da propria vida porque a verdade é quem nos hade salvar — *veritas liberavit nos*, e quem defende a verdade defende a Deus — *Deus veritas est*.

NOTÍCIAS INTERNAS

Supplemento ao n.º 33 do Primeiro de Janeiro.

Porto 10 de Janeiro.—Do nosso zeloso correspondente da capital acabamos de receber os seguintes importantes telegrammas que nos apressamos a transmitir aos nossos leitores :

Lisboa 9, ás 8 horas e 46 minutos da tarde.—Recebeu a casa Mores Zagury por via de Liverpool um telegramma que communicou ao governo annunciando que na noite de Natal foram encontrados feridos nas ruas de Loanda sem darem accordo de si o sr. governador geral José Horta e o seu compaheiro nocturno Wandrenem.

Pede-se novo governador e repetem-se as noticias já conhecidas do estado perigoso da provincia.

O governo está em conselho. Não ser tomadas immediatas providencias.

Lisboa 9, ás 5 horas e 45 minutos da tarde.—Telegramma de Liverpool diz mais que os negros estão de posse de grande parte de Golungo Alto.

Reciecia-se pela segurança de Casengo e Quanza.

Em conselho de ministros resolveu-se a nomeação de novo governador.

Lisboa 10, ás 12 horas e 45 minutos da manhã.—O conselho de ministros chamou o sr. Baptista de Andrade e consultou-o se queria tomar conta do governo interino d'Angola. O sr. Andrade respondeu que partiria já, sendo necessario. Parte quarta-feira na corveta Sagres com plenos poderes e tropa.

Parece que o governo pedirá authorisação ás camaras para organizar uma expedição a Angola.

REVISTA ESTRANGEIRA

TELEGRAPHIA ELECTRICA

(A' Redacção do «Futuro»)

Lisboa 11, ás 10 h. e 9 m. da m.

Amanhã propõe Amadeu em conselho abdicar seus poderes nas Côrtes. As camaras consideram-se em sessão permanente. Declarada a abdicção, Zorrilla pertende retirar-se da politica. Os republicanos intransigentes resolvem por ora manifestações pacificas em favor republicano. A crise produz grande sensação.

Y.

—Do Echo Popular: «Corre que o general Morriones foi ferido em um ataque com o cabecilla Lizarraga.

—Escrevem de Sanahuja ao Pensamiento Espanhol: «No dia 26 entrou aqui o chefe Camats com 600 carlistas. Na mesma noite entraram mais; na manhã de 27 fez a sua entrada solemne o general Tristany.

Entre as muitas e boas coisas, que contaram os guias de Castells, uma d'ellas era a de que S. A. o infante D. Alfonso e sua digna Esposa a Senhoria D. Maria das Neves se tinham dignado apparecer ao exercito realista e ao povo no dia 23 do corrente, dia de Santo Ildelfonso. Affirmavam elles que viram D. Alfonso em traje civil e com alpagatas.»

—Escrevem de Olot em 29 de Janeiro á «Esperanza»: Na tarde de ante-hontem, junto do povo de Santa Pau, houve 1 combate entre a columna do coronel Mercado, e parte das forças do general Saballs. O combate foi renhido durante hora e meia, dando os carlistas provas d'um valor incrível. Saballs que vigiava a columna de Andú não teve parte na acção, e só 200 dos seus, contra quem disparou a tropa mais de 60 granadas sem effeito. Houve momentos em que se lutou corpo a corpo. Os carlistas tiveram 4 mortos e 6 feridos; a tropa, segundo a versão mais segura, pelo menos 15 mortos e varios feridos, dos quaes entraram aqui 8. Se não estivesse perto a columna de Andú mais serio seria.

—Da «Epoca»: De Zaragoza, nada menos que de Zaragoza nos escrevem que ninguem se atrevia a sair a campo, porque as partidas carlistas rodeavam a cidade por todas as partes. Interrompidas as communicações com a Catalunha e Navarra, não havia mais transito livre que Madrid, e o commercio, que havia começado a utilizar a via do Ebro para exportar trigos e farinhas conduzindo os a Tortosa, havia-se visto surpreendido de que já não cabia nos armazens, e de que estava a navegação interrompida pela guerra.

A «Fanulla» enganou-se quando quiz enganar os altos; as calumnias que ella imaginou, foram para atenuar os effeitos do jantar official de M. Fournier a M. About. Effectivamente, se os catholicos francezes pediram explicações M. Rémusat subirá á tribuna e dirá: «Nós não approvamos certamente o procedimento de M. Fournier porém os jornaes melhor informados dizem que em Roma, no Vaticano, se conspira contra nós». E assim justificarão elles um acto injurioso e uma calumnia atroz! *Risum teneatis!*

A regeneração por meio da mocidade.

São bem escriptas as reflexões que o nosso collega o «Commercio do Minho» faz a respeito d'uma acção boa praticada por cinco mancebos de Coimbra; tomamos como nossas as suas ideias a respeito d'este assumpto, por isso as transcrevemos:

«Não desesperamos da salvação da patria, porque na mocidade portugueza, além d'outros, ainda se encontram CINCO MANCEBOS, que prestam culto á virtude e á moral.

Quando a força da idade, e dos maus exemplos, que nos estão dando em todas as esferas da sociedade, impellem ao vicio, que é festejado pela litteratura, e por uma certa imprensa politica:

Quando os theatros estão repletos de immoralidades, e os romances conduzem e impellem ao sensualismo depravado:

Quando até os regulamentos da policia, e o espirito d'algumas leis regorgitam em immoralidades, e impellem ao sensualismo, tirando toda a protecção, e desprestigiando a mulher:

Quando os innovadores da nossa epoca fecharam os conventos, asylos da innocencia e dos bons costumes, e abriram os alcouces legalmente, e fizeram regulamentos para elles, que fazem irriçar os cabellos:

Quando vemos todos os dias impellidos á devassidão infelizes raparigas por aquelles que as deviam arrancar ao vicio da immoralidade:

Quando a nossa sociedade festeja o joven libertino, que seduz incautas donzellas, e zomba das infelizes, que a fragilidade, a má educação, os maus exemplos, e os traçozeiros conselhos, e o luxo desenfreado, levam á perdição:

E' então que apparecem cinco mancebos na cidade de Coimbra, que salvam uma pobre rapariga prestes a sumir-se na vasa da devassidão; porque a miseria, além das causas que apontamos, a impelliam sem remedio.

Lembram-se aquelles generosos e honrados mancebos dos conventos, que ainda teem escapado á rapacidade dos reformadores modernos, recorrem ao Prelado, poem em commum as suas economias, e salvam uma infeliz virgem da perdição, praticando uma acção tão meritoria e generosa, que faz alegrar os anjos no ceo, e os homens na terra, mesmo os maus, em seus primeiros momentos.

Maldita seja a escola politica que só considera a mulher como machina de prazeres, e que prefere, á virgem obscura, a prostituta descurada!

Maldito seja o que fecha a porta do convento, asylo de tantas infelizes, a quem só abre a porta do lupanar, como unico e meritorio recurso!

Este acontecimento, que um governo moral devia aproveitar para salvar uma instituição, que salva as virgens desvalidas, como acaba de salvar a de Coimbra, como se vê abaixo no excerpto do «Comimbricense» moralizado pelo orgão official da legitimidade, passe desaperecido do governo actual, que só lhes conta com o que teem.

Somos com a «Nação», louvando aqui o homem que não pode resistir ao grito da sua consciencia, e esqueceu a maldita politica.

Prasa ao ceo que este acontecimento tão pratico abra os olhos a certa gente que os traz fechados; porque se não lembra, que a moda lhes pôde cair em casa, quando outros motivos não tive-se.

Agora a narração do facto: D'accordo. — Lemos no «Comimbricense», que é insuspeito:

«Excelente acção. — Hontem foi admittida em um convento de religiosas, nos suburbios d'esta cidade, uma menina que tiah vindo ha poucos dias para Coimbra. Achando-se absolutamente sem meios, estava em imminente risco de cair na voragem em que tantas desgraçadas ahi se precipitam; felizmente cinco mancebos, dotados de excellente coração, combinaram-se entre si, promoveram os meios necessarios, e depois de obtida a licença do Prelado da diocese, fizeram com que entrasse no convento aquella que estava já á borda do abysmo. Além da despeza com o enxoval, mobilia de quarto e piso, que importou em mais de 15 libras, garantem-lhe por meio d'uma subscrição a despeza mensal, que tenha a fazer no convento.

E' este um acto de tanta nobreza; revela tão bons sentimentos, que com a maior satisfação o noticiamos ao publico.

Já que tantas vezes nos vemos obrigados a censurar os vicios, ainda bem que achamos uma occasião de mencionar uma excellente acção.

Estas palavras honram os mancebos a quem se referem e honram o coração de quem as escreveu. Que importa que o «Comimbricense» como bom liberal tenha combatido a liberdade da associação catholica? Aqui falla o homem e não o politico. O homem é bom.

Proclamação do brigadeiro Pascoal Aznar.

«Aragonezes! Quando a patria periga: quando se vê opprimida sob o degradante jogo d'um rei italiano, e governada por uns aventureiros impios, que a exploram a seu capricho, é dever de todo bom cidadão, de todo que sinta correr por suas veas sangue hispanhol, dispor-se a sacudir o peso d'esta verdadeira e inaudita tyrania.

Os Villacampas, os Gaianes, Traznos, Palafox, Tabuencas, Cerezos, Pezomartas e outros muitos de nossos illustres antepassados pelejaram heroicamente admirando o mundo com suas façanhas para conquistar a sua independencia. E nós dignos successores d'aquelles esforçados varões, com sentiremos que se assente no throno hispanhol, um ramo da casa de Saboia, bençãos dos lacaios de nossos antigos reis? Consentiremos que continue a reger os destinos d'esta nobre e fidalga terra de christãos, uma quadrilha de atheus, a cuja frente faz papel de rei estrangeiro... a quem em premio de sua... se pagam 82,192 rias (3:616\$48 reis) diarios? Não, mil vezes não: a terra dos Lanuzas e Pelaios, não pôde tolerar por mais tempo tanta degradação.

E' preciso, meus compatriotas, dar testemunho ao mundo de nossa dignidade, de nossa altivez aragoneza: é indispensavel sacudir já a nossa apathia; e ajudando os nossos irmãos Navarros e Catalães, levantarmos todos como um só homem, ao grito magico de viva Hispanha para os hispanhoes! Sacudi a indolencia, e não olhes ao numero dos nossos inimigos, Eu, o ultimo e mais insignificante de nossos compatriotas, carregado de anno, cheio, por desgraça de achaques, proximo a succumbir sob o peso de meus padecimentos fisicos, sinto rejuvenecer todo o meu ser, quando considero, que com o vosso auxilio posso ainda contribuir a libertar a minha patria da escravidão em que a sumiram os que se pres. m de defender a liberdade.

Tal é hoje o meu proposito ao levantar-me em armas com um punhado de aragonezes; decidido estou com todos os meus compaheiros a derramar até a ultima gota do meu sangue para derribar uma situação que ao grito de Viva Hispanha com honra! só conseguiu deshonrar-nos, aviltar-nos, e fazer-nos o ludibrio da Europa.

Deus, Patria e Rey (porém rey hispanhol) é nossa bandeira: sob suas amplas dobras cabem todos os que queiram defender a legitimidade de Carlos VII. Com este labaro, pereceremos na luta, ou triunfaremos.

E vós, soldados do exercito, dirijo-me a todos. Lembrae vos que ao separar-vos de vossos lares, deixastes ali um pae, uma mãe, uma irmã, ou uma pessoa querida: todas estas pessoas choram inconsolaveis a vossa ausencia, todas ellas derramam o seu suor, e tudo é pouco para pagar tributos que só servem para enriquecer uns tantos... que vos dominam.

Abandonae essas fileiras cheias de chelies corrompidos, que não tem outro amor patrio do que a cobrança dos soldos. Com este sóficiente, e o de receber um posto quando com vosso esforço conseguem vencer vos os irmãos, levam-vos a vencer vossos irmãos, levam-vos a pelejar contra os interesses nacionaes. Vencidos ou vencedores, nenhum premio vos espera, senão a segurança de mendigar a caridade publica, se não tendo outros bens, vos toca a desgraça de ficar inutilizados na campanha. Não useis das armas contra verdadeiros hispanhoes: reuni-vos ás nossas fileiras desprezae os conselhos interesseiros d'esses chelies corrompidos, por quem unicamente derramais o vosso sangue, sem beneficio algum para a nossa patria.

Sejamos todos uns, pois que somos todos hispanhoes, e vereis breve expulso do throno de S Fernando, que degradou com sua planta esse desditoso Amadeu. Se assim o fizerdes, offerece-vos em nome do meu Rei, baixa do serviço, 30 dias depois de concluida a guerra, e sobre tudo, offerece-vos o que mais pôde lisongear um bom cidadão, que é a gratidão da sua patria. Viva Hispanha honrada! Viva a Religião Catholica! Viva a liberdade bem entendida! Vivam os fóros do Aragão! Viva Carlos VII, Rey legitimo! Abaixo o estrangeiro!

Campo da honra. Janeiro de 1873.— O brigadeiro Pascoal Aznar.

—Do «Imparcial»: No dia 5 passaram a ponte de Belascoain com direcção a Salinas de Oro, as facções de Rada e Pérula. Já temos um novo presbitero em campanha, o cura de Mocaraja, á frente de 250 carlistas, e que entraram ás 9 da manhã de 5 em Undania, arrecadou 1 trimestre de contribuição e saiu ás 7 e meia para Albistor, saiu e para Baianca ou Aldaba.

—Da «Esperanza»: No Aragão appareceu 1 nova partida de 130 homens.

—Os fundos ficaram a 24,03 banxando 15.

—O regimento de lanceiros d'Hispanha foi dividido: 1 esquadrão para Alcaer de S. Juan (Mancha), outro para Toledo, outro para Despenhaperros, e outro para Madrid.

—A's 10 da manhã saiu hontem de Vigo a esquadra ingleza composta das fragatas «Narciso», «Topazio», «Aurora», «Endimion», e Done, ao mando do contra Almirante Campbell.

—Escrevem d'ElGoibar em 31 de Janeiro: «O general Ollo simulando um ataque ao forte d'Aspeitia, em que se achavam 70 a 80 carabineiros, alguns Guardas Civis, e Voluntarios da Liberdade, dispoz que o coronel Oscariz, a cujo lado me achei, em toda a acção, com 1 companhia do 1.º batalhão de Navarra, e outra do 1.º de Guipuzcoa, tomasse pela estrada da parte direita de Loyolla, e que a referida companhia do 1.º batalhão de Guipuzcoa, fosse pela parte direita, e nos apoederassemos da povoação, e antes d'uma hora, depois de termos soffrido um vivo fogo a peito descoberto, já tinhamos atravessado as 2 pontes e eramos senhores da povoação, occupando as ruas immediatas ao forte, em quanto uma secção se apoederava da fabrica d'espingardas, de donde tiramos 2 grandes carros carregados d'armas e munições, unico objecto que se propoz o general. Tivemos 1 morto, 1 capitão ferido n'um joelho, e 3 rapazes levemente que continuam a marchar.

Houve ataque em Valtierra esta manhã. Acabam d'entrar em Tudella 1 capitão de cavallaria ferido, e 1 carro, com lanças, espadas etc. 1 tenente morto. Os carlistas retiraram para Bardena, e a tropa não se atreveu a perseguir-ss por ter bastantes mortos e feridos segundo dizem.

—Da «Iberia»: «Cartas da Biscaia asseguram, que n'aquella provincia existem 10 partidas carlistas consideraveis, compostas a menor de 80 homens regularmente armados que prefazem mais de 1:000 homens. Nas Vascongadas augmentam as facções; e vam concentrando-se sobre Bilbao; porque querem bloquear a villa.

Nas columnas do Figaro de 25 do passado appareceu uma carta assignada pelo snr. Labbé, antigo magistrado de Paris, na qual, relatando uma conversação do duque de Nemours com o general Mandhuy, se attribuem áquelle as seguintes palavras: «Nós os sete principes d'Orleans, seguiremos o conde de Chambord, que é para nós o unico rei de França, qualquer que seja a bandeira que hasteie.»

E dirigindo-se depois o principe ao general com voz enérgica acrescentou:

«General, como eu, haveis usado tambem da bandeira branca: tornareis a leval-a?»

«Ao sair da conferencia, o general Mandhuy fez tão publica a declaração do duque que o correspondente do Figaro se suppoz auctorizado a enviar-a á imprensa.

Apenas, porém, appareceram no diario legitimista as palavras do duque de Nemours, este, por intermedio do snr. Gauthier, apresentou-se a retifical-as, declarando que em sua conversação com o general Mandhuy, só havia dito:

«Que se a monarchia constitucional se viesse algum dia a restabelecer por vontade da nação, o maior dos principes da casa de França era, segundo lhe parecia, o representante nato da ideia monarchica. Que de todos os modos, não encontraria competidor dentro de sua familia, e que os principes de Orleães haviam já feito declarações n'este sentido.»

A respeito da bandeira branca, julgava o duque que não era questão insolúvel, como se tem supposto, porque a França tem mudado varias vezes de bandeira, e elle mesmo já hasteou antes da tricolor, a bandeira branca mais como signal distinctivo do mando supremo, do que da casa de Bourbon.

Commentando estas palavras o orgão mais auctorizado dos principes de Orleães, o Journal de Paris, escreve um notavel artigo, tendente a demonstrar que a fusão bourbanica em França pôde considerar-se um facto, apesar das divergencias que ainda existem entre os dous ramos d'esta illustre dynastia.

Tomando como base de sua opinião a obra que o conde de Bouillé acaba de publicar sobre as diferentes bandeiras da monarchia de S. Luiz, diz que a bandeira tricolor é tão franceza como a branca, e acrescenta as seguintes phrases que parecem revelar o vivo desejo da fusão da parte dos principes d'Orleães:

«Ninguem mais que nós respeita essas

mudas imagens da patria, bandeiras antigas ou novas, que não recebido em suas prégas o ultimo suspiro de trantos francezes, mortos a combatter pela França. Nobres emblemas que o granadeiro de Condé ou o de Kleber rodeava na peleja de um culto sagrado: bandeiras que haveis visto a derrota, mas nunca a deshonra, qual d'entre os francezes vos prescreverá ou repudiará? Porque vos não hão de unir? Porque vos não hão de collocar juntas no meio d'um regimento?

Mais tarde, nas luctas, que se prevêem, e nas quaes não haverá abnegação superflua, irieis junctas contra o inimigo, e dando cada qual a vida por sua bandeira, a victoria estaria da nossa parte.»

O correio da Catalunha chegado em 31, trouxe a importante ordem geral de S. A. o infante D. Alfonso, como segue:

EXERCITO REAL DA CATALUNHA

Ordem geral do dia 23 de janeiro de 1873.

Generaes, chefes, officiaes e voluntarios:

Percorridas as ferteis e bellissimas comarcas da Catalunha, conhecidas por mim mesmo as aspirações d'este paiz heroico e vendo as urgentes necessidades, que pedem prompto remedio, cumpre-me, como supremo, como suprema auctoridade do principado, sempre paternal por ser a unica legitima, fazer ouvir a minha voz para que socegue o clamor geral, que pede ordem e justiça na presença dos abusos e immoralidade, que a revolução tem espalhado no seio da nossa patria.

Vós, com a vossa adhesão aos sacrosantos principios, porque tendes generosamente derramado o sangue; com a vossa sujeição á ordenança e exemplar disciplina, sereis os mensageiros, que annunciem aos povos os meus ardentes desejos d'inquebrantavel justiça para os preveros, de protecção e apoio para os homens de sã consciencia.

Vós, com a vossa energia e decisão, sereis os executores fieis de minhas ordens, tendentes sempre a salvar a sociedade, que, ferida de morte, só pôde achar remedio na stricta observancia dos preceitos divinos, na obediencia ás ordens do rei.

Conheceis já os meus desejos e sei que cumprireis as minhas ordens.

Approvo com toda a effusão da minha alma o vosso comportamento para com os povos, que, incompreheensivelmente obsecados, se teem deixado seduzir por quatro revoltosos, tomando as armas contra S. M. El-Rei Nosso Senhor e meu augusto irmão.

A vossa magnanimidade para com elles tem sido digna da nossa causa, mas é necessario que vigiando eu por vós faça applicar todo o rigor da lei aos que reincidirem no delirio de resistir com as armas ao exercito do rei.

Aos somatens dizeis que me reservo para utilizar os seus importantes serviços em dia que não vem muito distante e que lhes agradeço a exactidão com que tem cumprido os seus deveres.

Generaes chefes e voluntarios, breve e mui breve espero vêr os brilhantes resultados da organização que começa e que se completará seguindo as medidas que a prudencia aconselha e dita a ordenança. Em breve ficará estabelecida ao exercito a jurisdição castrense, que reclama o vosso decidido amor ao Catholicismo. Em breve o serviço de administração e saude militar ficará completamente organizado; e um bom governo regulará a vida civil, economica e judicial dos povos.

Voluntarios que o Deus dos exercitos guié sempre os nossos passos! Que a Immaculada Conceição, nossa padroeira, vele por nós! Viva a Religião! Viva Carlos VII! Viva a Hispanha! Vivam os foros da Catalunha!

Quartel general do exercito real da Catalunha, 23 de janeiro de 1873.

O Infante, general em chefe, Alfonso de Bourbon e Austria.

SECCÃO NOTICIOSA

Biblias falsas. — Sabemos que por ahi anda um emissario da propaganda protestante vendendo, quasi de graça, Biblias que não tem, nem a approvação do Ordinario, nem as nottas que se exigem para que ninguem interprete a seu modo a palavra de Deus. Além d'isso, algumas não tem a fidelidade de traducção; outras tem falta de versiculos e não tem todos os livros declarados igualmente canonicos pelo Concilio.

Sabemos que tanto a auctoridade ecclesiastica como a auctoridade civil tem conhecimento e aviso de semelhante facto; porém, ¿ que tem ellas feito? já não é cedo que venha da primeira uma carta pastoral, prevenindo os fieis da leitura de semelhantes livros, e da segunda a apprehen-

são das mesmas biblias e a capturação das vendedores.

Continuaremos a gritar como catholicos, a quem a lei do estado (dizem) protege as creanças; se não houver providencias da parte das auctoridades respectivas, appellaremos para a imprensa.

Fallecimento.—Hontem por 10 horas da manhã falleceu a Ex.^{ma} Sr.^a D. Narciza Roza d'Azevedo Vasconcellos com 77 annos d'idade, thia dos Srs. P.^o Carlos José de Magalhães, Narciso José de Magalhães e da esposa do Sr. José Maria Dias da Costa. O seu enterro terá lugar amanhã, quinta feira, por 11 horas da manhã, depois dos officios funebres na Sé Primaz.

Damos os devidos pezames aos doridos nossos amigos.

Outro.—Falleceu tambem esta noite a Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Pinheiro Torres e Almeida, viuva do ha pouco fallecido e digno medico Antonio Maria Pinheiro.

Diffamador por officio.—A «Crença Liberal» jornal que se publica em Lisboa, tem dado cabimento em suas columnas ás correspondencias d'esta cidade, redigidas por um diffamador por officio. Falamos assim, porque d'outra fórma não podemos qualificar o miseravel que se tem atrevido, não só a injuriar funcionarios, cuja probidade é conhecida, mas tambem por pretender diffamar familias honestas.

Aos nossos leitores affiançamos a nenhuma veracidade de tantas calumnias e corroboramos esta affirmativa com o que abaixo transcrevemos do nosso collega a «Regeneração».

«E' a primeira vez que nos occupamos do tal correspondente, e depois d'isto esperamos que a «Crença» deixe de publicar correspondencias, onde a honra e probidade de empregados honestos é ultrajada, descendo a insultar familias de muita probidade e honradez.

Aguardamos o tempo e o procedimento futuro da «Crença».

Eis o que se lê na «Regeneração»:

«Ao correspondente da «Crença Liberal».—Não é a primeira vez que o correspondente d'esta cidade para aquelle jornal abusa da boa fé da esclarecida e imparcial redacção da «Crença» para propalar boatos absurdos, satisfazer pequenas vinganças, e endoar os caracteres mais honestos e respeitaveis d'esta terra. Na sua ultima carta occupa-se o correspondente da cobrança do real d'agua nas barreiras da cidade, e, obedecendo ao mau séstro que o persegue narra uma serie de factos, pelos quaes intenta mostrar que o serviço da cobrança é irregular e sujeito a abusos pela culpavel condescendencia dos empregados.

E' facil lá fóra dar-se credito ao que sem provas avança o circumspecto correspondente; mas em Braga, onde se sabe como as cousas se passaram, causa dó, senão indignação, vêr desvirtuar os factos e inventar crimes para desacreditar funcionarios respeitaveis como o digno escrivão de fazenda d'este concelho, em quem toda a gente reconhece probidade, competencia e zelo no desempenho dos seus deveres.

O snr. Silva Pereira nunca consentiria os abusos, que o correspondente denuncia, se tivesse existido: nem o snr. Amorim que é um empregado honesto se prestava a occultar e muito menos a favorecer o extravio de direitos á fazenda em qualquer occasião e qualquer que fosse o motivo. Se o correspondente quizesse ser verdadeiro e justo podia dirigir-se á repartição de fazenda e verificar por si mesmo á vista da escripturação respectiva o destino que tem a importancia dos direitos de consumo que se pagam n'esta cidade. Era mais prudente do que vir sem provas, e só por informacões inexactas lançar o discreditado sobre funcionarios de reputação illibada, e cujos bons serviços tem sido devidamente apreciados e reconhecidos nas estações superiores.

Um testemunho insuspeito a favor da Igreja catholica.—Ha pouco appareceu um livro escripto em allemão intitulado O imperador e o Papa; Der Kaiser und der Paps, por Herr Von Gerlach, que fez grande barulho entre os protestantes filiados na igreja evangelica. Este escriptor protestante rigido, não transige em questões religiosas com a politica; o seu testemunho pois, é insuspeito.

Eis aqui um trecho do seu livro: «A Igreja catholica está agora mais zelosa, compacta, esperançosa, emprehendedora, activa e melhor preparada para um conflicto, e organizada do que nos primeiros seis mezes de 1871.

Os catholicos dizem que a sna Igreja está crescendo em fé, espirito de sacrificio, devoção e zelo pelo culto divino. A influencia das ordens religiosas e dos jesuítas tem augmentado inquestionavelmente. Em torno do amigo em perigo todos os amigos se reúnem para auxilia-lo, defendel-o, aconselha-lo e conforta lo.

Na presença d'esta vida activa da Igre-

ja catholica os protestantes allemães dividem-se em partidos, em hostilidade manifesta.»

Um gracejo caro.—Por occasião da acção de O que diz o Imparcial: 3 senhoras das familias mais liberaes de Lesaca, fizeram um boneco com o nome de D. Carlos, que queimaram enterrando as cinzas O gracejo deu muito que fallar por alguns dias. Ha poucos dias o cura de Gallanos, chefe d'uma partida carlista, e primo do celebre Perula, apresentou-se ás citadas senhoras a quem disse com urbanidade, que estavam no seu direito quando queimaram D. Carlos em «Ilgie, mas que o enterro só a elle pertencia como padre, e por isso vinha reclamar os seus direitos, que importavam na bagatella de 20:000 riales (880,000 rs.)

As senhoras ante um convite tão cortez não tiveram remedio senão entregar-lhe aquella quantia.

Uma relação official d'exposições de casas religiosas em Roma.

—A «Gazeta official» de 29 de Janeiro publica um decreto real com data de 26 de Janeiro, no qual se designam as propriedades de corporações religiosas, apropriadas por utilidade publica; eil-a:

1.^o A parte do convento de Santa Maria supra Minerva (padres dominicanos) actualmente occupada pelo ministerio da fazenda.

2.^o O terreno não construido pendente do convento de Santa Maria da Conceição (padres capuchinhos).

3.^o O convento de Santa Maria da Victoria (carmelitas descalças).

4.^o O convento de Santo Antonio de Padua (padres das missões).

5.^o A casa dos jesuítas em Santo Estevão, rua de Santa Bibrana.

6.^o O mosteiro de Santa Maria do Monte ou da SS. Assempção, praça do Grillo.

7.^o O mosteiro de S. Jacome e Santa Maria Magdalena, em Longara.

8.^o O mosteiro de Santa Susana, rua vinte de Setembro (irmãs cistercienses).

9.^o O mosteiro de Santa Catarina de Sena, rua Magnanapoli (irmãs dominicanas).

10.^o A parte do mosteiro de S. Silvestre e Santo Estevão in Capito (irmãs Claras).

11.^o A parte do mosteiro de S. Norberto, rua das Quatro Fontes [irmãs da caridade de N. S. do Calvario).

12.^o O mosteiro de Santa Maria addolorata (irmãs chamadas as Mantellate).

13.^o O mosteiro de Santa Maria Regina Caeli (irmãs carmelitas descalças).

14.^o A parte do mosteiro de S. Lourenço in Panisperna (irmãs de Santa Clara).

15.^o A parte do convento de S. Calisto (monges do Monte Cassino) hoje occupado, bem como os terrenos pendentes do convento, pela administração militar.

16.^o A parte do convento de S. Romualdo (monges camaldulg) hoje occupado pela administração militar.

E' assim como os vandalos do seculo XIX provam que são os libertadores da Italia!

O municipio romano no tempo dos papas e agora sob o governo de Victor Manoel.

—E' notavel a estatística dos crimes e escandalos que se succedem diariamente em Roma; o municipio offerece-nos, hoje, um facto escandaloso que falla de per si mais alto que todos os commentarios. O orçamento da despeza do municipio, no tempo do governo pontificio, era, o maximo, de um milhão por anno; agora é de vinte e trinta milhões. Note-se, ainda, a differença do estado do municipio hoje para o municipio d'então.

Deixemos, porém, todos os roubos e dilapidacões, só para notarmos um facto que se deu na sessão do conselho municipal do dia 28 de Janeiro.

M. Venturi obteve do conselho municipal a somma de parte de cem mil francos para varrer e orvalhar certas ruas de Roma. Durante o anno umas ruas eram varridas e borrifadas e outras não, de maneira que em vez de se gastar a somma inteira gastou-se metade. Descubrimos-se esta comedella toi interpellado M. Venturi no conselho municipal, porém este fez recar sobre a secretaria do conselho esta falta dizendo que o secretario em vez de escrever varrer ou orvalhar as ruas escrevera varrer e orvalhar as ruas.

Tem graça escluziva! pobre conjunção! Não admira que os subditos roubem porque o roubo entrava legalmente pela Porta Pia!

A questão é de encubril-o, e para isso tem elles todos a escola de Julio Favre!.

Manifestações e contra manifestações bonapartistas na Italia.

—Os jornaes italianos occupam-se muitissimo de Napoleão III.

De harmonia com as municipalidades tratam de erguer um monumento ao libertador da Italia.

A opposição trata de erguer um outro ao heroe das victimas d'este libertador, como são aquelles que ella chama marty-

res do Mentana. O contra-monumento de Mentana é, mau grado de M. Lanza, muito popular. Sessenta e tres deputados do parlamento subscreveram com dinheiro e assignatura para esta empreza.

Que fará o governo? ouvirá os mazzinistas que são de affecto para a lei que prohibe as municipalidades toda a manifestação politica, cá o snr. Lanza fizera anno passado ás municipalidades que que-riam erigir um monumento a Mazzini?

Um epitaphio real. — São justas e e ao mesmo tempo graciosas as reflexões que o nosso excellente collega e correligionario a «Nação» faz a respeito do epitaphio que o snr. Marquez de Rezende foi encarregado de fazer para ser gravado no tumulo da Imperatriz fallecida. Não podiamos commentar melhor essa peça saida da mão do notavel litterato, do que a «Nação», por isso transcrevemol-a:

«Que o «Diario de Noticias», pelo proposito de não ter cor, leve-se tão longe as adulações palacianas que nem lhe esquecesse (a respeito da morte da Imperatriz do Brazil, viuva) de fallar no sabre do Papa com que o marido entrou na guerra de Troia, não é para admirar.

E' raça muito conhecida a destes incolores, cuja posição natural é estarem de joelhos, como dizia Garrett.

Mas que o illustre academico o snr. Marquez de Rezende se sahisse com um epitaphio pagão para o tumulo de uma Princesa christã, isso é que admira.

Muita gente poz logo suas duvidas ás palavras com que começa; nós não seremos tão rigorosos; faremos unicamente reparo nas palavras com que acaba.

Eis ahi, pois a obra academica do sr. Marquez de Resende, com a competente traducção, tudo copiado do «Jornal da Noite» de quinta feira:

«DEO OPTIMO MAXIMO
Conduatur. Hic.
Mortalitatis. Exuviae. Augustissimae.
Ameliae Leuchtenbergensis.
Principis. Eugenis. Filiae. immortalis
Petri. Primo. Brasilian.
Imperatori. Quarto. ut.
Regi. Portugaliae. Desponsatae. Et.
Insignis Fide. spe.
Et. Charitate. Natae. Munich.
Pridie. Calendas. Julii
Anno. Domini. Millesimo. Octingentesimo
Decimo. Secundo.
Obiit. Diem. Omnium. Fleto. Septimo.
Idibus. Januarii
Anno. Domini. Millesimo.
Octingentesimo. Septingentesimo. tertio.
Sit. Illae. Terra. Levis.»

«A traducção é a seguinte:

«Aqui jazem os restos mortaes da muito augusta princesa Amelia, filha do principe Eugenio de Luchtenberg, viuva de Pedro I, imperador do Brazil, e quarto do nome em Portugal, e assignalada pela sua fé, esperanca e caridade. Nasceu em Munich a 31 de julho de 1812. Morreu, chorada por todos, a 26 de Janeiro de 1873. A terra lhe seja leve.»

Não fallaremos no Pedro 1.^o do Brazil e 4.^o de Portugal, apesar de nos fazer lembrar os antigos Doutores in utroque. Entretanto, sempre, pela nossa parte, protestamos contra o 4.^o, que não admittimos nem por Chalaca.

Mas não podemos calar-nos sobre a phrase «sit illa terra levis».

Como combina o snr. Marquez esta cauda pagã com aquelle pedaço da cartilha do Mestre Ignacio em que falla das tres virtudes theologaes?

Quando os seus liberaes derrubaram a estatua da fé do alto d'um edificio no Rocio, appareceu um pasquim dizendo:

Tiraram-nos a fé, mas fica-nos a esperanca de lhe fazermos a caridade.

Aqui, ao menos, havia espirito.

Na lição de cartilha ás abobadas escuras do carneiro de S. Vicente, nem isso. E' impossivel que o illustre academico parasse na Roma gentilica, e não chegasse, nos seus estudos, á Roma do Christianismo. Chegou, de certo; mas onde foi então buscar o modelo para esta terra leve? Leve sobre quê? Sobre o cadaver? O pó sobreposto, deve fazer muito um ao outro! Sobre a alma?... Não entendemos. O melhor é imaginar um lapso do erudito academico, e dizermos para o desculpar: quandoque bonus dormitat Homerus.»

Os christãos perseguidos de morte no Japão. — Hoje nada se defende, nem o direito nem a justiça e tão pouco se guardam os tratados que lhes dizem respeito.

No mundo civilisado e não civilisado ha guerra ao Catholicismo, acólado pelo sophisma, desmoralisacão, impiedade, aqui pela barbaridade e selvageria. E a Europa cruza os braços diante da carnificina aos christãos como os cruzára quando viu duas nações destruirem-se.

«Emquanto na Europa civilisada a perseguição legal fustiga com ardor cada vez mais o catholicismo, está elle nos confins do Oriente sendo alvo de toda a casta de violencias e soffrendo perseguições de sangue.

A imprensa ingleza e a allemã dão-nos tristes pormenores sobre os actos barbaros de que são victimas os christãos indigenas no Japão, contrarios ao tratado franco-japonez de 1859 a 1860. Um milhar de christãos tinha sido victima no começo do anno de 1872; dois mil ainda estão no desterro, e não conseguirão a liberdade senão á custa da apostasia; estão presos em Kaza, Fourouchi, Iché, Owaré e Kichou, onde os máos tratos e ás privações de todo o genero dizemam diariamente muitos d'elles.

Este estado de cousas obriga a «Gazeta universal d'Augsburg» a protestar da seguinte maneira:

«E' doloroso vêr que no Japão se continúa a perseguir os christãos indigenas. E' uma injustiça tanto maior por isso que são novos convertidos que se arrancam ao seio das familias; são descendentes de christãos convertidos n'outros tempos, e que se conservaram fieis ás suas creanças, a despeito das perseguições ás mais atrozes. bastaria isto para mostrar ao governo quanto é vã qualquer lueta contra as convicções internas do homem.

«Não se promulgou edicto nenhum e a religião christã está sempre sob o pezo dos decretos que contra ella se promulgaram ha duzentos annos.

«Estará o governo francez sempre aguardando para tomar a peito a defeza dos christãos os «pormenores mais exactos». dos quaes já uma vez fallou na tribuna o snr. de Rémusat? Esperará elle, pergunta o «Français», que os 2:000 desterrados succumbam como os outros 1:000 que já foram mortos?»

«A condecoração de Dai-Moun de 1.^a classe, trazida ao snr. Thiers pelo presidente da embaixada japoneza, que, segundo dizem, entre os seus membros tem alguns dos promotores da perseguição, seria uma satisfação plena da violação dos tratados?»

«E' necessario que a questão se esclareça em breve na assembléa, porque nada haveria mais capaz de aniquilar politicamente a França, do que acabar definitivamente com as suas tradições de protectora do catholicismo no Oriente.»

Uma lição de historia. — O nosso collega e correligionario a «Nação», não poupa as occasiões em que, manifestando a verdade, descubra a falsidade, tantas vezes encuberta com nomes pomposos, com titulos seductores. Eis aqui como elle rebate a mentira:

«O nosso Julião abria, na quinta feira, o primeiro ramo do seu lençol com estas palavras:

—«Hoje foram sepultados no regio jazigo de S. Vicente de Fóra os restos mortaes da senhora duqueza de Bragança, imperatriz viuva do Brazil. Ali, entre seu marido e sua filha, e no meio de todos os principes, até hoje fallecidos, da familia de Bragança, desde que succedeu no throno de Portugal, dormirá a nobre senhora o o somno eterno.»

E no no meio de todos os principes, até hoje fallecidos da familia de Bragança!

Este Julião é diabolico! Com um rasgo de penna de pato expulsa de Principes da familia de Bragança—O Sr. D. Miguel 1.^o, sepultado no exilio; a Sr.^a Infanta D. Maria da Assumpção, sepultada em Santarem, e a Snr.^a Infanta D. Anna de Jesus Maria, sepultada em Roma!

Muita gente sustenta o pão de Deus que se podia muito bem sustentar de qualquer outra coisa.»

A maior ponte do mundo.— Com esta epigraphe, diz o nosso excellente collega de Braga o «Commercio do Minho» o seguinte:

«Está-se construindo a ponte que ha de ligar Nova York com Brooklyn e em que já se trabalha ha uns poucos d'annos. Excede muitissimo nas dimensões todas as pontes do mundo inteiro; se não, attendam:

Altura das duas torres 135 pés.

Largura do arco sobre o rio 1616 pés.

Altura de cada um dos dois arcos sobre a terra 94) pés.

Comprimento das entradas, da parte de Nova-York 1441 pés.

Da parte de Brooklyn 941 pés.

Comprimento total da ponte 1878 pés.

Sabe-se que as obras do lado de Nova-York, ao pé de Roosevelt-street, só começaram em 14 de setembro do anno findo, depois de estar immersa a caixa de Brooklyn.

A caixa d'aquella cidade foi immersa mais depressa e com melhor successo do que a d'esta, tendo 172 pés de comprimento, 104 de largura e 22 de profundidade, por todo algum tanto mais que a de Brooklyn.

A torre do lado d'esta mesma já sóbe a uns 140 pés, a do lado de Nova York pouco passará ainda de 50 pés d'altura.

Suppondo que não entremham obstáculos imprevistos, será preciso ao menos um anno para concluir as torres, outro tanto para immergir os fios, e dois annos pelo menos para as demais obras.»

Que liberdade! — Leiam e vejam o que se pratica na Foz, á sombra da liberdade:

«Tendo algumas senhoras, que promovem, desde ha muito, n'esta freguezia a devoção mensal, chamada das «Filhas de Maria», requerido a s. exc.^a rev.^{ma} licença para estes exercicios pios, e pedido se servisse da sua influencia espiritual sobre o reverendo abbade da Foz, além de que este, pela sua parte, lhes não pozesse obstaculo, como no mez passado com grande escandalo para esta freguezia; e tendo o exc.^{mo} Prelado deferido o requerimento em termos, que punham em evidencia os maximos desejos de conciliação, impondo, ás senhoras requerentes, condições, que deveram calar as menores susceptibilidades e quaesquer vislumbres da razão e da justiça (?) que por ventura houvesse nos adversarios d'estas praticas: estavam as senhoras resolidas a realizar a d'este mez amanhã (31 de Janeiro.) para o que avisaram ao reverendo Parocho, que, conhecendo dos desejos e ordem do Prelado, não poz, é força dizel-o, o menor estorvo, quando a acção de certa gente se começou a revelar d'um modo tal, que as auctoridades superiores, por uma medida de precaução e com receio d'algum conflicto desgraçado, se viram obrigadas a adiar para occasião de menos agitação e maior serenidade nos espiritos, uma devoção, que, além de estar no animo de muita gente, era o exercicio d'um direito legitimo e sagrado, e que por isso devia desarmar quaesquer coleras ou prevenções!

«Conhecedora certa gente da licença do Prelado, formaram uma comissão, cujos passos não preciso de acompanhar seguidamente, mas sei de positivo, declarou formal e impudentemente ás auctoridades superiores, que estavam resolidos a impedir por todos os meios a pratica d'amanhã, e que nem a força publica nem consideração alguma os demoveria de fazer um desacato no templo e interdizer a igreja com alguma desgraça lamentavel...!!!

«Informado o virtuoso prelado d'esta diocese, da assuada e violencias projectadas, e não querendo encimar sobre si a responsabilidade de factos que a propria auctoridade administrativa mostrava, com aquella sua informacão, ser impotente para prevenir, não para castigar, tomando uma resolução que a prudencia, o seu amor pelo rebanho e os seus desejos de paz lhe inspiraram, viu-se s. exc.^a contrangido a retirar a autorisacão concedida, adiando para melhor quadra e dias mais serenos a realisacão d'esta pratica.

«Ahi ficam os factos; que os commentem quem quizer. Eu por mim só deploro a triste condição das auctoridades, obrigadas a pactuar com ameaças, violencias e despotismos e todas as ruins paixões.»

THEATRO DE S. GERALDO.

Quinta feira 13.
O drama sacro em 3 actos e 5 quadros, ornado de côros couplets:

SANTO ANTONIO.
Sabbado 15

Em beneficio do actor Dias
O HEROE Á FORÇA

O THIO TORQUATO

PREÇOS:—Camarotes de 1.^a ordem, frente, 1,800; lados, 1,600; 2.^a ordem, frente, 2,800; lados, 2,600; 3.^a ordem, 1,800; plateia superior 400, geral 300; galerias, frente 120, geral 100.

Principiará ás 8 horas.

Que ignorancia em materias religiosas! — Ao mesmo tempo que nos admiramos dos poucos ou nenhuns conhecimentos d'um certo academico de que nos falla um correspondente de Coimbra para o «Commercio do Minho», não podemos deixar de lamentar o estado litterario e scientifico do nosso paiz. Vejamos o que diz a este respeito o nosso collega de Braga: «Na segunda feira, 20, discutiu-se na cadeira de direito civil, do 3.^o anno da faculdade de direito, o casamento civil. Fallou o sr. Magalhães Lima, auctor das «Miniaturas Romanicas», e da «Actualidade». Entre muitas cousas o orador disse: o christianismo é o eclecctismo philosophia grega e romana!!!! Não ponho mais admiracões,

porque se o tempo é dinheiro. o espaço também tem valor. Este sr. Magalhães Lima é d'uma « crítica transcendente ».

Disse mais o orador: não se póde admitir aliado ao casamento o elemento religioso, porque é fixo; e é fixo porque provém da evolução histórica.

Ai! sr. Lima d'eternas luminarias, então a religião é elemento fixo, e a moral é variavel?! Olhe, o que é variavel é o senso. Ha alguma cousa a que os homens chamam senso commum, e é isto ás vezes bem pouco commum.

O sr. Lima disse ainda muita coisa, que não temos tempo para analysar, e por isso apresentaremos aos leitores só mais um periodo do « esperançoso » joven, mas sem commentarios.

COMMUNICADOS

De Romano Pontífice

A ignorancia e a libertinagem são os maiores inimigos da Igreja e do Papa. E n'estes calamitosos tempos em que as crencas religiosas vão minguando, quasi em todas as classes da sociedade.

Já fallei da Igreja e das notas caracteristicas da verdadeira Igreja, fallei dos concilios. Agora, com a devida venia e como filho submisso, vou fallar do Pae Commum de todos os catholicos.

O primado, uia é d'honra, outro é de jurisdicção; primado d'honra é aquelle com que algum, entre eguaes, obtem o primeiro lugar, este deoboamente concedem os heterodoxos a Pedro; primado de jurisdicção é aquelle com que algum é superior aos outros em autoridade e poder.

Aqui é que está toda a bulha dos taes—pseudo-reformati;—querem que Pedro seja igual em jurisdicção e poder com os outros apóstolos, e como ao Pontífice Romano se lhe não póde dar mais do que herdou de Pedro, por isso, assim como não concedem a Pedro o primado de jurisdicção, também o não concedem aos seus successores, contra os quaes ali vae a proposição theologica—Petrus sepra ceteros apóstolos, et iure divino primatum habuit non honoris tantum, sed et jurisdictionis—Prob. Christo, em certa occasião interrogou a seus discipulos? que diz por ali essa gente de mim? Responderam os discipulos—Senhor, nem todos dizem nem sentem uma e a mesma cousa—ha diferentes opiniões: e voltando-se para elles lhes perguntou—e vós que dizeis de mim? Vos autem quem me esse dicitur—S. Math. 16, 15.

Estando todos calados, Pedro levanta-se e diz com voz forte—Senhor, eu digo que Tu es Christo Filio Dei vivo—e Christo, que paga sempre com uzura a quem o serve, logo lhe agradece a sua franca confissão, dizendo-lhe, pois se tu dizes que Tu es Christo Filio Dei vivo. Eu digo que Tu es Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e Te dou as Chaves do Céu para abrires as portas a quem julgares digno, e as fechares aos indignos—Tu es Petrus et super banc petram aedificabo Ecclesiam meam, et tibi dabo claves regni caelorum.

Ainda que os adversarios intepretam a seu modo estas palavras de Jesus Christo, todavia, nós os catholicos entendemos por as duas metaphoras pedra e chaves, maior amplitude de poder que nos outros apóstolos:—que Christo por um privilegio singular quiz conceder a Pedro, em remuneração da franqueza com que confessou a sua divindade, e se assim não fosse, se o fizesse igual com os outros apóstolos, então que valor se havia de dar ás suas palavras? E' ao elogio que depois lhe fez Christo Senhor Nosso—Beatus es Simon Barjona.

Portanto o primado de Pedro não é só de honra nem por ser o mais velho do apostolado: porque mais velho era seu irmão André, que o convidou para elle entrar no apostolado, é sim de jurisdicção e de autoridade sobre os outros apóstolos. Os textos e a tradição que os

adversarios oppoem a esta crença em lugar de a contradizerem antes a favorecem.

Temos mais, a autoridade dos Santos Padres S. Bazilio, in quit—Beatus ille Petrus omnibus discipulis prolatus cui soli majora data suat quam aliis—Santo Ambrosio disse—Petro esse Ecclesia firmamentum—e outros mmitos.

E de mais disso, Pedro teve sempre de Cristo o primado da jurisdicção, cujos actos exercia frequentes vezes em todos os negocios era sempre o primeiro que despunha e determinava, se havia de responder a Christo no fazer-lhe algumas perguntas. Pedro era sempre o que tomava a palavra, se se havia de nomear algum para prehencher o lugar do traidor Judas, Pedro estando no meio dos irmãos era sempre o que propunha e expunha os dotes, e as qualidades que devia ter o proposto.

No dia de Pentecostes estando todos calados, Pedro é o primeiro que fallou? Pedro movendo-se a questão da observancia—Legalium—é o primeiro que dá o seu parecer? Mas todas estas cousas são outros tantos actos especiaes de jurisdicção e de poder sobre os outros apóstolos.

Porque quando n'uma sociedade e corporação vemos um homem que por autoridade propria se entremette em todos os negocios e só elle é o que falla, sem que ninguém lh'o encontre nem reclame, é argumento certissimo, que este homem tem a summa perfeitura de toda a sociedade ou corporação, e se como tal não fosse tido, os membros da sociedade ou corporação não lh'o consentiriam e reclamariam contra a usurpação do poder e autoridade que exercia.

Logo tanto pelos textos sagrados, como pelas razões ditas, Pedro teve o primado, não só d'honra mas também de jurisdicção, e o Pontífice Romano, successor de S. Pedro, na Igreja Universal, goza das mesmas prerogativas.

Não respondo ás objecções dos adversarios, aos textos apontados e razões ditas, porque não quero que ao catholico de boa fé lhe passe pelo pensamento, que ha quem devide que Pedro é a pedra fundamental da Igreja e o seu successor o angelico Pio IX, que por misericordia do Senhor, governa a Igreja de Deus. Passemos a outra proposição dogmatica.

De Infallibilitate Romani Pontificis

A Infallibilidade do Papa, antes da definição do dogma já era ensinada e acreditada por eximios theologos, a que os adversarios chamam—ultramontanos—mas não tira que, ainda mesmo hoje, para os que não estudaram theologia dogmatica, se apontem alguns textos e razões theologicas em que se funda o novo dogma da Infallibilidade do Pontífice.

Prop. O Romano Pontífice successor de Pedro, herdou todos os seus privilegios, mas Pedro tinha o privilegio de não errar na fé, porque lhe foi prometido por Christo que a fé nelle nunca fallaria, como se vê destas palavras de S. Luc., 22, 31, 32, Simon, Simon—ego autem rogavi pro te, ut non deficiat fides tua et tu aliquando conversus confirma fratres tuos.

Logo se Pedro tinha privilegio de não errar na fé, o mesmo foi concedido ao Pontífice Romano.

Pois se os Pontífices não tivessem como Pedro o privilegio de não errar na fé, como haviam de corroborar e fortalecer os outros? Pois aquelle—Pasce oves meas—S. Joan, cap. 21, v. 15, dito por Christo a S. Pedro, também tocou aos seus successores.

Se o Romano Pontífice não fosse infallível nas definições da fé, como supremo e ultimo tribunal, Deus não teria providenciado a sua Igreja, mas isso não se póde dizer, porque o Pontífice é o Vigario de Christo na terra, com poderes sem limittes: quodcumque, etc.

Porque, se a Infallibilidade, como querem os adversarios, estivesse só nos concilios geraes, passando seculos e seculos, sem estes se poderem reunir, a que se havia de recorrer para acudir ás necessidades da Igreja, castigar hereses e systematicos, se não ao Vigario de Christo na terra? Por ventura não se passaram mais de trezentos annos, até o concilio geral de Nisa, sem que em todo esse tempo, por via da perseguição, que os imperadores romanos faziam aos christãos, se podessem ajuntar os bispos de toda a christandade em lugar certo? E se a Infallibilidade nos negocios da fé não estivesse nos Pontífices quem havia de acudir ás necessidades da Igreja e decidir nas questões da fé, senão o Pontífice?

E se no tempo dos imperadores romanos, inimigos declarados da christandade não era possível ajuntar concilio geral. Hoje que não ha em todo o mundo um governo liberal, que defende a Igreja como se haviam de reunir os bispos catholicos, debaixo da Presidencia do Prisioneiro do Vaticano! Pois para estas e outras necessidades é que Jesus Christo, concedeu a Pedro o dom da Infallibilidade e aos seus successores, porque se assim não fosse, Deus deixaria a sua Igreja ao desamparo, mas isso não se póde dizer,

porque a promessa delle não falta—ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consumationem seculi.

Fevereiro 5 de 1873.

O mínimo dos prégadores.

EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes em dividida pedimos o obsequio de mandarmos satisfazer a importância das suas assignaturas, com a possível brevidade. O atraso em que muilos esta a tem-nos causado damnos bastante graves e é por isso que fazemos este pedido.

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º sr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso. Em Coimbra, o exm.º sr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Em Vianna, Francisco José d'Araujo Junior, rua de D. Luiz.

Em Mondim de Basto o ill.º sr. João Baptista da Silva Ramos.

Na Covilhã, o illm.º sr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Lamego, o illm.º sr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio Travessa de S. João n.º 10.

AGRADECIMENTO

Narciso José Lourenço Correia, e sua esposa Maria José Augusta Correia, e seu cunhado Joaquim José de Passos, não podendo pessoalmente agradecer a todas as pessoas que os cumprimentaram e offereceram seus serviços por occasião do fallecimento de sua sogra e mãe Catharina Maria Veiga, vem por este meio protestar o seu eterno reconhecimento e gratidão. (94)

ANNUNCIOS

N. B.—A dar de hoje bastará cozer a nossa farinha sômente por um minuto, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozer-a no forno antes de embala-la, o que lhe dá uma cor escura, e um gosto muito melhorado.

Ha a assignar a grande descoberta da Revalesciére chocolatada do BARRY de Londres, que presta tão eminentes serviços á humanidade. Mais agradável ao paladar que o mais fino chocolate, mais nutritivo e assimilante que a carne digerese com a maior facilidade, sem irritar.

Renovando e purificando o sangue, fortifica o estomago, os nervos, o cerebro, e, em vez de fatigar, melhora a digestão, consolida as carnes e augmenta a energia. Absorve e elimina tudo o que houver de irritante no estomago, nervos e cerebro, e tranquillisa as pessoas as mais agitadas, proporcionando-lhes um sono pacifico e reparador. As pessoas adultas e as creanças delicadas ou fracas folgam com os seus bons efeitos. Preferivel a todos os respetos ao café, ao chá e ao chocolate puro, convem perfeitamente ás pessoas que não osam comer os chocolates ordinarios que produzem dores de cabeça, irritações, constipações, etc. Estes defeitos dos chocolates ordinarios tem obrigado muitas pessoas a quem lhe agrada o gosto, de se privarem d'elles, e a prova d'estes vicios foi confirmada pelo grande explorador das regiões arcticas, o sr. John Franklin, que, com vinte e oito dos seus companheiros, morreu de fome ao lado de saccos cheios de chocolate puro e de cacáu! Prova terrivel que os principios nutritivos contidos no cacáu e no chocolate ordinario não são de natureza a assimilar-se nutrit.

E' pois, para obviar a estes graves inconvenientes e para assegurar a todo o mundo a vantagem do chocolate sob uma forma sã e benéfica, que a Revalesciére chocolatada do BARRY DE LONDRES, delicioso producto, foi apresentado ao publico. A Revalesciére é dez vezes mais nutritivo do que o chocolate puro, e por isso seis vezes mais barato.

Preço: em pó para fazer 12 chavenas 300 réis; para 24, 800 réis; para 48, 15400 rs; para 120, 32200 réis; ou 25 réis por cada chavena.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm., Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Baharia, Viuva Desire Rahir, rua de Cedofeita 92, J. R. de Sequeira, rua da Baharia 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Alfonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. Serzedello & C.º Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa. Deposito em Pernambuco: Ferreira, Maia & C.º, rua Duque de Caxias. (J)

ATTENÇÃO

Quem quizer vender acções do Banco do Minho, falle com o entregador do Futuro, rua de Sapateiros n.º 8, dando-lhe seu nome e morada por escripto. (96)

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Igreja—seus triumphos—castigos dos seus inimigos,

por D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

(Porte inferi non praevalent adversus eam.

MATH. XVI, 18.)

Sob este titulo vae brevemente sahir á luz um livro, no qual se historiam as crises mais perigosas, por que tem passado a Igreja de Jesus Christo, e se demonstra como, no decurso de 19 seculos, não tem deixado de patentear-se a divina protecção prometida á mesma Egrela pelo seu Fundador:—E as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

Mostra-se mais, á luz da historia, que se os inimigos perseguidores da Igreja jámais têm ficado impunes, especialmente aquelles, que tem exercido as suas violencias na pessoa dos successores de S. Pedro, os Pontífices Romanos.

Nos tempos perigosos e dificeis, que vamos atravessando, a leitura d'esta obra será de algum proveito, para fortalecer os tibios, alentar os fortes, e lembrar aos que abuzam do seu poder e auctoridade em detrimento dos direitos da Igreja, que algum dia soará para elles a hora da divina justiça, como tem soado sempre para os perseguidores contumazes da Esposa do Cordeiro.

Esperamos pois que o publico protegerá uma publicação, cujo é prestar um serviço á causa da Religião que é também (e agora mais do que nunca) a causa da sociedade.

As pessoas que desejarem obter este excellent livro, que será impresso em bom typo e optimo papel pela diminuta quantia de 400 reis queiram assignar no presente prospecto e devolve-lo depois á livraria do editor Jacintho A. Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134 a 136, no Porto, onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.

Tambem se recebem assignaturas nas seguintes localidades:

Em Lisboa, na Livraria Catholica, José A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino, Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga, Livraria Catholica.—Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha.—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Marianno Machado,

IMPERIO DO BRAZIL

Preço por assignatura, encadernado 25000 réis.

Rio de Janeiro, ao cuidado dos snrs. Jacintho A. Pinto da Silva Junior, rua Nova do Ouvidor, n.º 25, (casa do sr. Pereira Braga) e Antonio Alves Mathews, rua da Quitanda, n.º 177.—Em Pelotas (Rio Grande do Sul) ao cuidado do sr. José Antonio Gonçalves Rodrigues.

PORTUGAL

NA SUA DECADENCIA

OBSERVAÇÕES POR

Um Amigo da Patria

EDADO A LUZ POR

L. F. de Castro Soromenho.

Vende-se por 120 em Lisboa na rua da Condessa n.º 58, 1.º andar.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA

POR

Carlos José Caldeira.

Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro Irmão.

Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia—Estudante em Sernache do Bom Jardim—Administrando os negocios publicos na terra do seu nascimento—Estudante na Universidade—Secretario do bispo de Braga—Deão e vigario geral em Leiria—Superior do collegio das Missões—Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior—Crise no collegio das Missões Ultramarinas—Bispo eleito e confirmado de Macau—Sagração do bispo d'Angra—Caracter do bispo d'Angra.

Tem um aditamento dividido em 4 capitulos com as rubricas: Analyse do relatorio que procede o decreto de 21 de setembro de 1870 (que reorganizou o seminario de Macau)—Analyse do mesmo decreto—Efeitos do novo regulamento do Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua do Ouro; Catholica, rua dos capelistas; Mesquita, em Coimbra; Catholica no Porto, e nas principaes de Braga, Bragança, Leiria e Guimarães.

LIVRARIA

DE

EUGENIO CHARDRON

- Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 1\$400
- Genio do Christianismo, 2 vol. 1\$500
Cardeal Wissemann - Fabiola ou a Igreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. 1\$500
Roquette - Sermões em honra de N. Senhora, 1 vol. 1\$200
Roquette - Homelias e Sermões . . . 1\$800
Guillois - Explicação litteral e moral das Epistolas e evangelhos, 2 vol. 1\$500
Veuillot - Vida de Jesus Christo 1. vol. 400
Padre Marchal - A mulher como deveria sel-o, 1 vol. 400
Padre Gaume - Onde estamos? 1 vol. 500
Vozes propheticas, ou Aparições e predições etc., tracção do Rvd.º P.º Marnoco, 1. vol. 250
Todos estes livros são remittidos francos pelo correio.

RIFA IMPORTANTE

Vão rifar-se 20 objectos de valor, sendo um dos premios 24 fardamentos para uma philarmonica, o qual está quasi novo e é composto de calça de pano fino escarlate; de casaco de pano azul com alamares de retroz amarelo—cinto de sêda com feixos dourados—charlateiras de metal dourado—barretina guarneçada e com pluma de pita encarnada e chapa dourada.

E' um dos mais ricos fardamentos que se tem feito para philarmonicas, tendo sido o seu custo superior a rs. 1:000\$000. Os outros premios são: um excellent bilhar de pau preto, marchetado, e com os seus pertences; um rico relógio de ouro que trabalha em diamantes; objectos de ouro e prata, colchas de damasco, etc.

O valor dos 20 premios, é de reis 750\$, em 5:000 bilhetes a 150 rs. Quem quizer bilhetes d'esta rifa, póde dirigir-se pelo correio em carta ao sr. Ambrosio dos Santos Victor—Aveiro—largo da Vera-Cruz, enviando-lhe o importe dos bilhetes que pretender, em estampilhas ou sellos.

Quem, porém, quizer fazer a aquisição de bilhetes não deve demorar o pedido, porque a rifa effectuar-se-ha logo que estejam distribuidos o que não levará muitos dias. Os 20 premios pertencerão aos 20 numeros mais premiados d'uma loteria proxima da Santa Casa da Misericordia de Lisboa cuja extracção será préviamente annunciada no «Campeão das Provincias» jornal d'Aveiro.